

assistência

ALÉM DE DAR APOIO EMOCIONAL, FAMILIARES FORMAM REDE DE CUIDADO ESSENCIAL NA RECUPERAÇÃO DO PACIENTE ONCOLÓGICO

Na saúde e na doença



Médico, cirurgião, enfermeiro, nutricionista, psicólogo, fonoaudiólogo, assistente social e... a família. O envolvimento de acompanhantes e, especialmente, de familiares no tratamento oncológico tem-se mostrado estratégico para a recuperação do paciente. Além do apoio emocional e da solidariedade nos momentos de internação, parentes e amigos formam uma rede de cuidado essencial, sobretudo após a alta hospitalar.

Reconhecendo o papel dessa rede de cuidados para a recuperação da saúde, hospitais de tratamento do câncer vêm investindo na assistência também aos acompanhantes para orientação e esclarecimento em relação ao cuidado domiciliar e no fortalecimento dos vínculos familiares.

Izaura Brandão, enfermeira-líder da Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), ressalta que o trabalho da equipe de saúde vai além do tratamento cirúrgico e clínico e que a atenção integral e humanizada deve se estender à família. “O tratamento do câncer não é constituído somente por cirurgia e outras intervenções. Quando o paciente recebe alta e volta para casa, deve manter uma série de cuidados, como tratar feridas pós-operatórias e seguir orientação nutricional específica. E a família tem papel preponderante nesta fase”, revela.

A assistente social Fabiana Felix, que há cinco anos atua na Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, do INCA, considera que o fortalecimento dos vínculos familiares e a preparação dos acompanhantes para o cuidado domiciliar devem estar inseridos na rotina da equipe de saúde. “A ocorrência de uma doença crônica, especialmente o câncer, é um problema que por si só fragiliza o paciente e a sua família. Quando a situação é permeada por questões sociais, como pobreza, desemprego, vínculos familiares pouco sólidos, tabagismo e alcoolismo, o desafio se torna ainda maior. E toda a equipe de saúde deve estar atenta, para acolher integralmente o paciente e a sua família”, avalia.

As profissionais concordam que, para dar conta da complexidade de cada paciente e integrar as famílias ao tratamento oncológico, a conversa – entre equipe, paciente e a sua família e entre os próprios profissionais de saúde – é o melhor remédio. “Na atenção ao cuidador domiciliar, cada profissional tem um papel específico, e a integração



entre todas as especialidades é fundamental”, recomenda Izaura.

Diante desses desafios, o Serviço de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, do INCA, instituiu em sua rotina um modelo de atenção integral ao paciente e à sua família. A iniciativa partiu da própria equipe, que percebeu a necessidade de sensibilizar os profissionais para essa atenção estendida. Fabiana conta que a mobilização voluntária dos colegas aconteceu gradativamente, a partir do fomento da discussão sobre relações familiares e o papel dos parentes na recuperação da saúde do paciente.

“Trazer os familiares para acompanhar o desenvolvimento do tratamento no hospital é estratégico para orientação sobre alimentação, higiene e para garantir segurança e autoconfiança no cuidado domiciliar”

IZAURA BRANDÃO, enfermeira-líder da Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do INCA

“Após a alta hospitalar, a família e os acompanhantes devem estar preparados para o cuidado domiciliar e identificar sinais que indiquem necessidade de assistência médica”

ISABEL BONFIM, gerente de Enfermagem do A.C. Camargo

“Formamos um banco de artigos científicos sobre família, com abordagens da enfermagem, da psicologia, da assistência social e de outras áreas do conhecimento. A partir desse material, discutimos casos da literatura ou observados em nossa rotina. É uma dinâmica que promove muitas catarses, pois a conversa sobre os pacientes abre espaço para o compartilhamento de problemas e anseios pessoais, o que contribui para a aproximação e a sensibilização da equipe”, explica Fabiana.

A partir do alinhamento de todo o grupo na valorização do papel dos acompanhantes no tratamento oncológico, uma série de adaptações foram realizadas na rotina da Seção, para garantir a atenção integral e humanizada. “Percebemos que é fundamental inserir – e atualizar constantemente – informações sobre a rede de cuidado do paciente em seu prontuário, para que a equipe tenha acesso a esses dados sempre que necessário”, exemplifica a assistente social.

Por conta de normas institucionais, muitos acompanhantes eram mantidos fora da unidade de saúde, com horários restritos e predeterminados para visita. Observando a rotina de atendimento e atenta às demandas dos pacientes submetidos a cirurgias, a equipe da Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço adotou o protocolo de estender o benefício de ter um acompanhante – garantido por lei para menores de 18 e maiores de 60 anos – a todos os pacientes com dispositivos pós-cirúrgicos, como cânula de traqueostomia e sonda.

“O convívio com dispositivos é uma novidade delicada para o paciente e toda a família. Trazer os familiares para acompanhar o desenvolvimento do tratamento no hospital é estratégico para orientação sobre alimentação, higiene e para garantir segurança e autoconfiança no cuidado domiciliar”, defende Izaura.

A Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço também conta com o apoio da equipe de Serviço Social do Hospital do Câncer I, por meio do esclarecimento sobre direitos do paciente com câncer e da sua inserção nas políticas e programas garantidos pelo Estado brasileiro. “São pessoas que não sabem como ter acesso à Previdência Social, ao Programa de Integração Social (PIS), ao resgate do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e a benefícios, como o passe livre para uso gratuito de transporte público. Nosso papel é orientá-las sobre esses aspectos”, enfatiza a assistente social.

Para isso, o Serviço Social faz busca ativa no ambulatório de Cabeça e Pescoço. “Garantir o acesso a recursos fundamentais, como transporte e alimentação, o mais precocemente possível é fundamental para a continuidade e o sucesso do tratamento” aponta Fabiana.

No Hospital A. C. Camargo, em São Paulo, os profissionais de saúde compartilham a ideia de que toda a família – e não só o paciente – está em tratamento oncológico. A instituição desenvolve o Programa de Apoio à Família em Tratamento Oncológico (Afeto), que esclarece acompanhantes sobre cuidados de enfermagem, orientação nutricional e prevenção do câncer, além de promover atividades de fortalecimento dos vínculos familiares e de valorização da autoestima dos pacientes, como oficinas de maquiagem e sobre como usar perucas, lenços e outros artifícios estéticos.

No âmbito do Programa Afeto, os cuidadores domiciliares recebem instruções sobre procedimentos comuns aos pacientes oncológicos, como traqueostomia e colostomia. Também são realizadas oficinas culinárias, com orientação para perfis clínicos específicos e preparações diferenciadas para adultos e crianças.

“Após a alta hospitalar, o paciente oncológico tem um seguimento de, pelo menos, cinco anos. Nessa fase, a família e os acompanhantes, de modo geral, devem estar preparados para o cuidado domiciliar e identificar sinais e sintomas que indiquem a necessidade de assistência médica”, explica a gerente de Enfermagem do A. C. Camargo, Isabel Bonfim.



O MOMENTO DA ALTA

O processo de alta hospitalar inclui a orientação do paciente e de seu acompanhante sobre preparo de curativos, possíveis intercorrências e orientação nutricional, entre outros aspectos. “São muitas informações novas, distantes do cotidiano. Por isso, é importante agregar a família ao tratamento oncológico desde o início e informar e valorizar os familiares em relação à sua corresponsabilidade no sucesso da recuperação do paciente”, aposta a enfermeira Izaura Brandão.

Envolvendo todas as clínicas do Hospital do Câncer I, o Grupo de Acompanhantes de Pacientes Internados, organizado pelo Serviço Social, orienta os acompanhantes em relação aos cuidados domiciliares e aos direitos do paciente oncológico. Essa é uma das atividades que o INCA promove, alinhadas ao Protocolo de Educação do Paciente da Acreditação Hospitalar.

Na Seção de Cabeça e Pescoço do INCA, o Grupo Operativo no Preparo do Cuidador para Alta e Convivência Extra-hospitalar se reúne toda quarta-feira para ouvir as demandas dos acompanhantes. Em linguagem coloquial e com abordagem informal, os cuidadores têm a oportunidade de tirar dúvidas e acompanhar procedimentos, como a higienização de dispositivos de traqueostomia, manuseio de curativos e sonda alimentar.

“São procedimentos simples, mas que, à primeira vista, podem parecer assustadores. O treinamento com bonecos com cânula de traqueostomia e son-

“O Grupo de Medicina Integrativa apoia a família na identificação do que pode ser feito para auxiliar a recuperação da saúde e garantir uma condição melhor de vida para seu parente”

PAULO DE TARSO LIMA, médico responsável pelo Grupo de Medicina Integrativa do Hospital Albert Einstein

da é fundamental para o cuidador ganhar confiança. Também investimos na autonomia dos pacientes e no autocuidado. Com o auxílio de um espelho, ensinamos como higienizar o dispositivo e até brincamos: ‘O que foi operado foi o pescoço – e não as mãos.’ Essa autonomia é fundamental para a recuperação e adaptação do paciente à sua nova rotina”, relata Izaura.

No Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, o Centro de Oncologia e Hematologia aposta na Medicina Integrativa para ampliar a atenção ao paciente e seus familiares. O médico responsável pelo Grupo de Medicina Integrativa, Paulo de Tarso Lima, explica que não se trata de uma especialidade, mas de uma abordagem pautada pelo conceito de atenção plena.

“O modelo de Medicina Integrativa é baseado no conceito de atenção plena e tem como premissa evitar o sofrimento do paciente. O objetivo é que ele desenvolva autonomia para praticar o autocuidado e vivenciar a sua saúde, em seu conceito ampliado, independentemente da presença ou da ausência de doença”, esclarece Paulo de Tarso.

Para isso, o acolhimento da família é fundamental. “A ocorrência do câncer provoca angústia em toda a família, que passa a buscar alternativas e abordagens complementares para garantir a melhor qualidade de vida possível ao paciente. O Grupo de Medicina Integrativa apoia a família na identificação do que pode ser feito para auxiliar a recuperação da saúde e garantir uma condição melhor de vida para seu parente”, explica o médico. ■